



Culto ao Malandro: uma Análise das “Memórias de um Sargento de Milícias” como Pioneira na Associação Entre o Brasileiro e a Malandragem, Refletida na Atual Produção Cinematográfica Nacional¹

Felipe Oliveira de Souza KRYMINICE²
Christian SCHWARTZ³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Mais do que o país do samba e do carnaval, o Brasil carrega outra fama: a da malandragem. Tendo em vista a relevância que alguns personagens da literatura brasileira alcançaram no imaginário do povo, o presente artigo tem por finalidade melhor entender o processo aqui chamado de culto ao malandro, a partir do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Para além dessa compreensão, tem-se também a intenção de constatar a dimensão e a importância da literatura e do cinema no processo de construção de uma controversa identidade nacional. Um apanhado da recente produção cinematográfica, bem como seus possíveis pontos de contato com o romance também sustentarão o debate, a fim de poder esclarecer até que ponto a obra de Manuel Antônio de Almeida ecoa no cinema contemporâneo brasileiro.

Palavras-chave: cinema; literatura; culto ao malandro; identidade nacional.

Introdução

Dentre as várias verdades que podem circular em um país de grande extensão territorial e pluralidade cultural como o Brasil, uma delas é unânime em todas as regiões: o brasileiro é e sempre será visto pelo viés da malandragem. Independente de qualquer tom pejorativo, quem nasce aqui é prontamente fadado ao estereótipo do malandro.

Muito se especula sobre a origem desse personagem folclórico. Não importa a plataforma, vários são os que propagam e promovem essa figura: de Zé Carioca, até os

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Aluno do 8º período do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo. e-mail: felipekryminice@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, e-mail: clmschwartz@gmail.com



mais recentes incorrigíveis - mas carismáticos - protagonistas de produções cinematográficas locadas no subúrbio carioca (*Cidade de Deus* e *Tropa de elite* ilustram bem o exemplo).

Também fizeram sua parte para a promoção da malandragem brasileira músicos como Noel Rosa, com sua música Malandro Medroso, Jorge Aragão, interpretando por décadas o seu Malandro, moleque e mulato que, perdido no mundo, morria de amor, além de Chico Buarque, que há pouco anunciara a volta de um malandro que – diga-se de passagem – nunca foi embora.

Uma das relações entre as diferentes formas de propagar a malandragem aconteceu em uma composição do Martinho da Vila, que fez uma canção que leva o nome do livro de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. O curioso é que na música o compositor não se acanha em chamar de herói o nada exemplar Leonardo. Tem-se aí um claro indício do quão paradoxal é esse personagem: por mais que sua conduta seja reprovável e sua trajetória turbulenta, inspira heroísmo e admiração.

Outra questão que passa a ganhar destaque e torna-se relevante é o fato de muitos brasileiros, por mais que, além das fronteiras, essa fama tome proporções inversas e depreciativas, não lutem contra esse conceito atribuído ao nosso povo. Mais do que isso, parte da população acaba contribuindo para o fortalecimento deste que, na teoria, seria um indesejável rótulo.

Sendo assim, levando em conta que essa é uma questão pontual, sem uma explicação lógica ou convincente, estudar o impacto e a repercussão cultural que a linguagem apresentada na obra *Memórias de um sargento de milícias*, se faz relevante na medida em que esse foi um dos expoentes desse fenômeno que podemos classificar de “culto ao malandro”. Sua consequência, mesmo que indireta, pode ser encontradas nas últimas produções do cinema nacional

O livro de Manuel Antônio de Almeida, por sua vez, apresenta uma linguagem nova até então. Considerada um marco na transição do romantismo para o realismo, o autor lança mão de personagens comuns e presentes no dia-a-dia de populares, além de sustentar a narrativa em um anti-herói, abrindo mão das idealizações e do forte romantismo presente nas obras de até então.

Levando em conta a breve exposição e o cenário dúbio no qual essa questão se encontra, o desenvolvimento do presente artigo se faz relevante uma vez que nele pode



se entender melhor como diferentes formas de expressão, linguagem e comunicação podem interferir na construção da imagem de um povo e na cultura de uma nação.

Para o presente estudo, norteou-se, principalmente, por publicações do antropólogo Roberto DaMatta e do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, a fim de uma melhor compreensão do cenário sociocultural brasileiro. O período de formação sociocultural brasileira também foi apresentado nas leituras de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.

Outra importante referência foram os estudos do especialista em literatura Antônio Cândido, que trata as produções literárias de uma maneira mais aprofundada, observando de que maneira as mesmas podem repercutir em outras esferas. A leitura de uma publicação de Dante Moreira Leite também apresentou grande utilidade, por permitir um maior diálogo entre as leituras feitas até então, permitindo uma inter-relação entre estudos aparentemente distantes até então.

Além das publicações, também serviu de base uma análise da recente produção cinematográfica brasileira, a qual apresenta uma relação com a literatura produzida há séculos. Esse apanhado permitiu que fossem elencadas algumas passagens onde houve ponto de contato entre os protagonistas do filme e o personagem principal do romance de Manuel Antônio de Almeida. Esse diálogo comparativo permitiu uma melhor compreensão do processo aqui chamado de “culto ao malandro” e o entendimento de como diferentes formas de expressão – literatura, música e cinema – podem repercutir na (des)construção de uma identidade nacional.

1 Revisão bibliográfica

Em um primeiro momento, para melhor compreender a questão, é importante contextualizar e levantar alguns aspectos da formação do Brasil. O primeiro, mais evidente, é a da colonização: por ser um país colonizado, o Brasil teve uma formação totalmente atípica. Mais do que isso, o choque de culturas entre os colonizadores europeus e os indígenas nativos fez com que surgisse uma população que desde cedo já era controversa.

No livro *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo, antropólogo e historiador Gilberto Freyre, considerado um dos mais estudiosos de maior importância do Século XX, explica a formação sociocultural do Brasil.



Levando em conta a proposta do presente artigo, um dos pontos de maior relevância da consulta de sua obra é a parte em que Freyre fala da formação do povo brasileiro a partir da miscigenação. O livro trata livremente da sexualidade da época – retratando a poligamia e a promiscuidade indígena, e como houve esse choque cultural.

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de grande intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua. Os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, se não atolavam o pé em carne. (FREYRE, 1980, p. 224)

Pode-se esboçar uma relação entre tal liberdade e o estereótipo que veio a se consolidar posteriormente: a do brasileiro sacana. Conforme aparece neste artigo, a seqüência da história guarda para o brasileiro o antipático fardo da promiscuidade.

Hoje, ao lado de Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr, Gilberto Freyre é considerado uma das referências no estudo da formação do Brasil e acabou por influenciar (direta ou indiretamente) toda uma geração de historiadores e antropólogos. O legado de Freyre pode ser observado em obras de estudiosos contemporâneos que carregam e apresentam certa herança da obra do historiador.

Prova involuntária do legado de Freyre, Darcy Ribeiro também pontua a promiscuidade na formação do país. Seu livro *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil* é uma tentativa de tornar compreensível, por meio de uma explanação histórico-antropológica, como os brasileiros vieram fazendo a si mesmos para serem o que hoje somos. Temas como a promiscuidade e a sexualidade indígena também se fazem presentes.

Esses índios cativos, condenados à tristeza mais vil, eram também os provedores de suas alegrias, sobretudo as mulheres, de sexo bom de fornicar, de braço bom de trabalhar, de ventre fecundo para preñar. A vontade mais veemente daqueles herói d'além-mar era exercer-se sobre aquela gente vivente como seus duros senhores. (RIBEIRO, 1995, p. 48)

Na narrativa, Ribeiro traça um painel do Brasil e das configurações que ele foi tomando ao longo do século. Entre outros aspectos, o autor esboça um panorama, distinguindo cinco “Brasis”: sertanejo, crioulo, caboclo, caipira, e gaúcho/ gringo. Mais



do que um país heterogêneo e promíscuo, o autor apresenta uma terra anárquica – fruto do processo de colonização.

A contraparte dialética da intencionalidade do projeto colonial é o caráter anárquico; selvagem e socialmente irresponsável da expansão dos núcleos brasileiros. (...) Em muitos campos a regra jamais vingou. Um bom exemplo é a fornicação com as índias na gestação prodigiosa de mestiços fora de qualquer regra (RIBEIRO, 1995, p. 245)

Ribeiro também levanta uma questão importante: enfraquecendo toda e qualquer tentativa de estereótipo, o autor faz uma distinção entre os brasileiros, onde, segundo ele, não há uma uniformidade, apenas uma unidade – fruto de um mesmo comportamento. Ideia que vai ao encontro do estudo do artigo, que expõe até que ponto é legítima a associação (e restrição) do brasileiro ao malandro-carioca.

Os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa, porém, nenhuma uniformidade. O homem se adaptou ao meio ambiente e criou modos de vida diferentes. A urbanização contribuiu para uniformizar os brasileiros, sem eliminar suas diferenças. Fala-se em todo o país uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais. Mais do que uma simples etnia, o Brasil é um povo nação, assentado num território próprio para nele viver seu destino (RIBEIRO, 1995, p. 21)

Pode-se estabelecer pontos em comum dessa leitura com autores como Sérgio Buarque de Hollanda, Roberto DaMatta e Gilberto Freyre, dando espaço para a construção de um embasamento bibliográfico mais amplo e plural. Se não explicando, ao menos dando uma noção, conforme sugere acidentalmente o título da obra, a formação e o sentido do Brasil

Sérgio Buarque de Hollanda, por sua vez, apresenta de maneira significativa a natureza mestiça na formação do brasileiro, consequência da promíscua miscigenação. Deixando um pouco de lado a promiscuidade, o ponto alto da leitura da obra é o momento em que Sérgio nos apresenta o homem cordial. Esse capítulo do livro acabou virando referência e sendo estudado por muitos pesquisadores que – mesmo sem querer - acabaram perpetuando essa imagem.



Hollanda destaca a lhanza no trato, a hospitalidade e a generosidade que, segundo o autor, serão a grande contribuição brasileira para a civilização. Por mais controverso que possa parecer, o destaque do autor permite uma associação: assim como a malandragem, a cordialidade também é outra característica intrínseca. Não raro, o brasileiro encara a cordialidade como uma necessidade. Fruto, talvez, da “tranquila fruição da existência, num mundo dadivoso e numa sociedade solidária”, que nos apresentou Darcy Ribeiro.

Nesse conflito entre malandragem e cordialidade, tem-se a sugestão de que, de repente, ambas estabelecem uma inter-relação de dependência ou consequência. Levando em conta a questão do presente artigo, é pertinente o levantamento: até que ponto essa cordialidade não acabou repercutindo na construção do brasileiro malandro?

Embora apresentem uma distância cronológica significativa e alguns aspectos questionáveis, as publicações que nortearam esse artigo ainda são as mais respeitadas referências que existem sobre a época de colonização e de formação sociocultural brasileira.

Relacionando o material de leitura, pode-se estabelecer uma clara relação entre o processo de colonização, a miscigenação e a promiscuidade na formação do povo brasileiro. A malandragem, por sua vez, aparece como uma espécie de uma consequência desta combinação. Além disso, o homem cordial apresenta pontos de contato com o brasileiro malandro, explicando, talvez, a origem de tal estereótipo.

Se por um lado as publicações permitiram uma relação entre promiscuidade, malandragem e cordialidade, Darcy Ribeiro enfraquece a ideia de generalização, apresentando uma sociedade plural e com distintas características. Tornando equívoca a associação do brasileiro a um único estereótipo, o do malandro.

2. Materiais e métodos

Para evitar qualquer tipo de falha na pesquisa, desenvolveu-se o artigo de modo que pudessem ser elencados pontos de contato entre produções cronologicamente distantes – a obra de Manuel Antônio de Almeida, em 1852 e os filmes da recente produção cinematográfica nacional, de 2000 em diante.

Após minuciosa releitura do romance *Memórias de um sargento de milícias*, elencou-se passagens da narrativa em que ficaram evidentes as características de maior



interesse, para o artigo, do personagem: aquelas que poderiam justificar ou explicar o carisma do bom malandro.

Na sequência, a fim de permitir uma relação, escolheu-se os principais filmes do cinema contemporâneo brasileiro. Propositamente, foram selecionados, em maior parte, filmes com locações no subúrbio carioca, onde também foi ambientada a narrativa de Manuel Antônio de Almeida. Entre os filmes, *Tropa de Elite*, *Cidade de Deus*, *Cidade dos homens* e *Era uma vez*, entre outros..

Por outro lado, como o artigo trata da imagem do brasileiro e não exclusivamente do carioca, procurou-se produções ambientadas em outras regiões do Brasil. Entre elas, destacou-se *O homem que copiava*, filmado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A fim de perceber se essa tendência das produções recentes também se estende a outras regiões.

Durante a consulta aos filmes, foram separadas passagens que remetesse às memórias de um sargento de milícias. Diálogos, locações e personagens acabaram apresentando relações diretas dos filmes com o romance, mostrando que a urbe do século XIX ecoa na rocinha reproduzida nos filmes de hoje. Zé Pequeno, protagonista de *Cidade de Deus* (2002) faz o espectador lembrar-se de Leonardinho, por mais distante que soe a lembrança. Entre outras relações feitas a partir da leitura de publicações dos historiadores, antropólogos e sociólogos consultados.

Para além do caminho apontado pela correlação entre as leituras feitas até então, a relação mais evidente, que amarra as recentes produções do cinema nacional com o romance de Manuel Antônio de Almeida foi encontrada na comparação dos amores, paixões, perdas e problemas familiares dos protagonistas.

Para isso, foram comparados alguns trechos da narrativa e diálogos que evidenciam a fragilidade de cada personagem.

No romance, com certa frequência, aparecem relatos de desencontros afetivos, amores muitas vezes não correspondidos. Situação que confere ao personagem certa fragilidade, como é visto neste exemplo:

Creio, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja ele fácil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. É escusado dizer a quem. (ALMEIDA, 2000, p.185)



No filme *O homem que copiava* (2003), encontra-se recurso semelhante. O personagem André, protagonizado por Lázaro Ramos, não inspira carisma. Sua conduta é duvidosa e inclui até um assalto, seguido de perseguição policial. Mas, apesar do “vilão em potencial”, o protagonista acaba sendo benquisto pelo espectador.

Parte dessa receptividade pode ser compreendida ao analisar como a narrativa é feita. Desde o começo do filme aparecem as histórias amorosas do protagonista. Já no começo da trama, ele aparece apaixonado por uma garota que aparece na janela do prédio vizinho. Ao longo do filme o personagem vive uma aventura amorosa.

Em *Memórias de um sargento de milícias*, esta característica acaba sendo reforçada ao longo da narrativa. Mais do que os problemas que Leonardo enfrentava com a vizinhança e com sua família, o narrador sempre volta falar de histórias envolvendo mulheres. A certa altura, o personagem é tratado como um “eterno apaixonado”, como é visto no trecho a seguir.

Decididamente estava apaixonado por esta última. O leitor não deve se admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que Leonardo herdara de seu pai aquela grande cópia de fluído amoroso que era a sua principal característica (ALMEIDA, 2000, p.246)

Nesta passagem o autor faz alusão à “teoria dos humores”, superado princípio médico que dizia que todas as pessoas carregavam dentro de si substância que condicionavam seu comportamento. Assim, Leonardo seria um “eterno apaixonado”, tal qual seu pai.

Outros instantes reforçam este lado do protagonista do livro. Mais do que isso: sugerem que, de repente, seja este lado apaixonado pode ter sua contribuição no improvável carisma do anti-herói, tendo em vista que boa parte de suas aventuras pelo Rio de Janeiro é sempre acompanhada de alguma jornada em busca de um rabo de saia.

É uma grande desgraça não corresponder à mulher a quem amamos aos nossos afetos; porém não é também pequena desventura o cairmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem deveras. O Leonardo podia dar a prova desta última verdade (ALMEIDA, 2000, p. 285)



Este trecho mostra como o narrador faz questão de retratar as paixões de Leonardo como algo curioso, que inspira simpatia. O recurso de “humanização” de um personagem pouco exemplar também é encontrado em *Tropa de elite* (2007). No filme, que também se passa no Rio de Janeiro, Wagner Moura interpretou o Capitão Nascimento, um dos maiores carismáticos personagens do cinema contemporâneo.

O personagem se tornou um fenômeno, mesmo apresentando uma postura excessivamente agressiva. Parte deste sucesso pode ser atribuído ao lado humano retratado na trama. Ao longo do filme, aparecem momentos em que o personagem está em família. A certa altura, o Capitão Nascimento vira pai no meio de uma operação policial na favela. A trama gira em torno da luta do personagem em conseguir deixar o seu ofício para se dedicar a família. Mais do que perseguir e torturar bandidos, Nascimento é retratado como alguém que se preocupa com a esposa e o filho.

Situação parecida é encontrada em *O redentor* (2004), história em que o personagem interpretado por Pedro Cardoso, que, entre situações de corrupção e suborno, passa boa parte do filme em busca da casa própria do seu pai.

Para além das jornadas amorosas e familiares destes protagonistas, outra situação aparece com destaque: as virtudes dos personagens. Ao longo da narrativa são evidenciados aspectos positivos do questionável protagonista.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero este sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objeto dele. (ALMEIDA, 2000, p.283)

O retrato de um personagem generoso, apesar de sua conduta questionável, também é encontrado em *Era uma vez* (2008). Na trama, o personagem Carlão, interpretado por Rocco Pitanga, após passagem pela prisão, de onde saiu foragido, assume o controle de uma favela carioca. Uma vez no comando, ele não mede esforços para ajudar os próximos. Consegue remédios para doentes, constrói um chafariz para a comunidade e também faz um espaço para as crianças jogarem bola.



Tal generosidade faz com que o público deixe o passado duvidoso do personagem em segundo plano, mostrando que uma narrativa que apresenta aspectos positivos de um anti-herói pode contribuir para sua aceitação junto ao espectador.

3 Resultados obtidos e conclusões preliminares

Ao esboçar um diálogo entre as leituras, uma relação foi muito natural e evidente: associar a promiscuidade apresentada na colonização do Brasil ao brasileiro “sacana” e, conseqüentemente, malandro. De modo menos acentuado, mas ainda presente, essa mesma promiscuidade é encontrada no romance de Manuel Antônio de Almeida, que traz um recorte da sociedade brasileira daquela época.

Para além do material bibliográfico, na comparação entre o romance e os filmes, respeitada a devida distância cronológica, percebe-se uma grande proximidade entre os espaços e personagens. Parte disso deve-se a narrativa, que, muitas vezes, é predominantemente descritiva.

Relacionando brevemente os filmes com algumas passagens do livro, chamou atenção a relação entre os ambientes. Em muitos aspectos, o Rio de Janeiro dos filmes e do romance parece o mesmo, embora sejam “duas” cidades, separadas por décadas no tempo. Personagens do romance, como o barbeiro e a parteira, representam figuras equivalentes a de personagens secundários dos filmes brasileiros, como o entregador de água mineral e o moto-táxi que circula nas favelas.

De um modo geral, a correlação entre os materiais e o romance direcionou o estudo para o raciocínio de que, apesar de pouco exemplares, os protagonistas acabam despertando carisma por demonstrar fragilidades, o que humaniza o personagem e enfraquece seu lado depreciativo. Viu-se em Leonardo e nos personagens do cinema nacional a generosidade e a “lhaneza no trato”, apontada por Sérgio Buarque de Holanda e apresentada, no começo deste artigo

Este lado mais humano, que mostra um personagem sujeito ao sofrimento tanto quanto qualquer um, somado ao carisma que estes mesmos personagens despertam faz com que Leonardo (protagonista do romance), e o time dos personagens dos filmes recentes caiam no gosto popular. O provável vilão parece cair no gosto do público



justamente por se mostrar um eterno apaixonado, além de seu jeito travesso e bem humorado.

Na narrativa de Manuel Antônio de Almeida, e nos filmes – muitos deles narrados em primeira pessoa – viu-se um mesmo tempo de narrativa, o que dá indícios que o livro tem um potencial cinematográfico. O que talvez explique alguma influência, ainda que sutil, do romance na produção cinematográfica nacional. Na narrativa do livro, aparece até o trecho em que o autor fala de uma cena que “acabamos de pintar”.

Antônio Cândido reforça esta faceta do livro, ao escrever um artigo em que argumenta que a narrativa não para. É um “romance em moto contínuo”.

Outra questão que chama atenção é a relevância social que cada produção teve em sua época. Um estudo do acadêmico Mamede Mustafá Jarouche revela o viés contestador que o romance teve, condenando a sociedade da época, e satirizando os costumes de então. Este aspecto também é claramente encontrado nos filmes, que, não raro, cumprem a função de mostrar um país muita vezes deixado de lado.

Por fim, para além do caminho que a leitura do material apontou, sugerindo uma relação entre a promiscuidade presente na história do Brasil e o surgimento da figura do brasileiro malandro, a comparação do romance com os filmes mostrou outro recurso: o de humanizar os personagens. Geralmente este processo acontece com a exposição de fragilidades de personagens que, em tese, deveriam ser considerados vilões.

Ao mostrar amores mal resolvidos, problemas familiares e características positivas da personalidade, como generosidade e simpatia (aquela mesma, do “homem cordial” do Sérgio Buarque de Holanda), os autores fazem com que estas figuras controversas e questionáveis, se tornem carismáticas, conquistem a simpatia do público e sirvam de referencial para a imagem do Brasil e do brasileiro. Prova da relevância social, antropológica e sociológica do romance de Manuel Antônio de Almeida.



Referências

DAMATTA, R. A. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DAMATTA, R. A. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ALMEIDA, M. A. **Memórias de um sargento de milícias.** Rio de Janeiro: Globo, 2004.

CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: Ouro sobre azul, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DE HOLANDA, S.B. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.